



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADRIANA ALVES

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-96

Entrevistado: Adriana Alves

Nascimento: 05/08/1972

Local da entrevista: Grêmio Náutico União – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Ana Paula Duarte, Camile Romero e Giovani Frizzo

Data da entrevista: 09/03/2005

Transcrição: Camile Romero

Conferência Fidelidade: Johanna Coelho von Mühlen

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Giovani Frizzo

Fitas: (01 fita) 96/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 8

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 01315/2005/01

Nº da fita: 01315/2005/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

ALVES, Adriana. *Adriana Alves (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

Sumário

Entrada como aluna de graduação na ESEF/UFRGS na década de 90; conciliamento de horários de estudo e trabalho; cotidiano com os colegas; relacionamento com professores e funcionários da Escola; regulamentação da profissão; Diretório Acadêmico, LAPEX; modificações da estrutura física da Escola; ingresso no Curso de Especialização da ESEF; importância da ESEF; mensagem aos esefianos.

Porto Alegre, 09 de março de 2005. Entrevista com Adriana Alves, a cargo dos entrevistadores Camile Romero, Ana Paula Duarte e Giovanni Frizzo, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

G.F. - Adriana, como é que começou, como é que tu chegou até a ESEF¹? Como é que foi o teu envolvimento dentro da universidade?

A.A. - Bom, como eu iniciei fazendo ginástica, desde pequena, com nove anos, nunca tive outro pensamento, a não ser fazer Educação Física. Segunda opção de vestibular, esse tipo de coisa não tinha, era direto Educação Física que eu queria. Então, fiz vestibular, na época que eu fiz, eu ainda estava naquela... Meio adolescente, não queria... Ah, se passar, passei, se não passar... Não fiz cursinho, não fiz nada, saí da escola, fui direto. Fiz, passei para segundo semestre. Foi tranquilo, porque fiquei seis meses realmente fazendo nada, né? Eu já trabalhava, na verdade, eu já trabalhava desde os quatorze anos, mas eu fiquei seis meses só trabalhando e treinando. Não, treinando nada, aí eu nem treinava mais! Só trabalhando e, depois, que eu comecei a ESEF. Sempre foi muita correria para mim, porque como eu trabalhava de manhã, de tarde... Fazia as cadeiras de manhã, trabalhava de tarde e, algumas vezes, trabalhava de noite ou ainda fechava alguma lacuna com treinamento mesmo. Só que eu já tinha praticamente largado, era só quando faltava alguém para a equipe que, de vez em quando, eu ia lá e treinava, mas habitualmente eu trabalhava os dois turnos. Então, entrava na ESEF meio correndo e saía correndo, para poder fechar esse período. Todo o tempo que eu estive lá... Quando a gente entrou, uma mesma turma ainda manteve primeiro semestre, segundo semestre era mais tranquilo, só que como eu fazia menos cadeiras, porque, na verdade, todo mundo diz: “Ah, vai fazer vestibular na UFRGS², porque não tem condições.” Não é bem assim, quem faz vestibular na UFRGS também são pessoas que tem um tempo mais livre e que consegue fazer dentro dos quatro anos. Sei lá, do que é previsto dentro da disciplina que tu escolhes lá, para poder fazer num período curto, caso contrário a gente demora bastante tempo a fazer porque a gente está trabalhando, que foi o meu caso. Acabei ficando um pouco separada do grupo que eu tinha entrado. Todo mundo foi fazendo direto e eu tive que escalar algumas cadeiras. Por exemplo, Socorros, me lembro na minha época, não sei agora, só tinha à noite, cinco e

¹ Escola de Educação Física da UFRGS

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

meia, sete e meia, eu protelei o máximo dos máximos para fazer Socorros, aí quando eu fui fazer, eu tive que parar de trabalhar naquele período, naquele dia à noite, que era às quintas-feiras. Assim eu fui levando a ESEF. Em termos de turma, o que era legal, não sei se permanece, botavam um poste novo, tinha inauguração do poste com pagode, com não sei o quê. Tudo era motivo para a gente fazer festa, para gente se reunir. Isso era muito bacana na época, porque entrava na aula, saía, ia trabalhar e tal, mas aí tinha um motivo, seja ele qual for, como no caso, uma inauguração de um poste de luz, que foi quando estava a pista lá, eles colocavam uns postes... O bar não era ali onde é hoje, o bar era uma casa de madeira... É a Felizardo³, eu acho, aquela rua lateral ali, né? Ali, naquele ponto, era excelente, a gente saía da aula de manhã, o dono do bar era uma pessoa super amigável, se eu não me engano, era João⁴ o nome dele. Era um barracão, depois que passou para lá que ficou mais evoluído, porque era bem barracão. Mas era um ponto gostoso de encontro. Tinha as aulas de anatomia, que a gente fazia lá fora. Sempre era uma turma que estava muito presente, todo mundo, mesmo cada um fazendo um horário mais diferenciado. E, o que é legal, é que até hoje eu estou encontrando o pessoal. A gente acaba, não marcando horário, mas a gente sendo do meio, acaba que vira e mexe, se encontra no clube, numa academia ou está dando aula, ou sei lá, alguma coisa nesse meio. Eu acabei mantendo vínculo. Trabalho aqui no União⁵ desde os quatorze anos, entrei aqui em 87, então, já trabalho com treinamento há bastante tempo. Nesse meio do caminho eu engravidei, antes me formei grávida, estava grávida de três meses quando eu me formei. Até foi legal também, fui fazer... Me lembro que tinha a cadeira de tênis e o professor era a Beth⁶ na época, e estava o professor substituto, que era o Luciano⁷, que eu acho que é o diretor da PUC⁸ agora, não, não é diretor, acho que é vice-diretor, alguma coisa assim. Aí, o Luciano não deixava nem eu me abaixar para pegar uma bolinha porque eu estava grávida, porque não sei o quê. Então esse tipo de coisa, é uma coisa muito legal, esefiano era todo muito junto, todo mundo muito unido naquela época.

³ Rua Felizardo, localizada no Bairro Jardim Botânico

⁴ Nome sujeito à confirmação

⁵ Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União

⁶ Elisabeth de Oliveira

⁷ Luciano Castro

⁸ Pontifícia Universidade Católica

G.F. - Tu falou no relacionamento com os teus colegas. E, com os professores, com os funcionários, com a direção da Escola, como é que tu vias?

A.A. - Relacionamento com o professor, eu não sei se existe algum problema, tinha um professor que, na época, a gente tinha um pouco de medo, que era o Adroaldo⁹. Hoje, eu me dou super bem com o Adroaldo, super bem mesmo, mas, na época, ele entrava para dar aula e todo mundo já ficava meio cabisbaixo, porque ele é durão com a forma, o linguajar dele, é um linguajar, digamos, até grosseiro e ele sabe. Agora, há pouco tempo, eu fiz um curso em Floripa¹⁰ e ele estava. Fiz o curso não, fui palestrante e ele estava também no curso do CENESP¹¹, da rede CENESP e, a gente estava debochando que... Inclusive no pós, eu fiz pós-graduação em ginástica olímpica em 2002/2003, lá na ESEF, e, no pós, teve uma menina que teve que fazer tratamento psicológico porque não agüentava a pressão do Adroaldo. Estava todo mundo se deitando e debochando, e, realmente, ele tem aquele lado durão. Aí, quando terminou a aula, “E aí pessoal, vamos sair, vamos combinar de jantar!” Fica todo mundo se olhando: “Pô, combinar de jantar, o cara vem aqui, nos massacra na aula e aí depois quer sair para jantar.” [riso] Então, o único que a gente tinha ... Pelo menos na época, eu tinha aquela impressão, um pouco de medo, era ele, e que, hoje, não tem nem... A gente vê que é só fachada realmente, que ele é um cara extremamente disciplinador, então, ele cobra uma postura já desde início, a parte de... Eu acho muito legal, que me marcou muito na minha cabeça, são algumas palavras dele. Ah, não sei o que, está falando alguma coisa sobre a aula, aí: “Fulano, qual é a tua opinião?” “Ah, eu acho...” “Não, se tu achas, então, tu não diz, porque quem acha é porque não sabe nada, quem tem certeza não diz eu acho.” E, aquilo marcou de tal forma, que sempre que alguém está falando alguma coisa: “Ah, eu acho.” Eu já penso a mesma coisa: se tu achas, é porque não sabes, então, era melhor ficar quieto. Então, são coisas realmente... É um professor que, para mim, marcou muito. Depois, tinha a Têmis¹². Acho que não existe mais, existe?

G.F. - Têmis?

A.A. - Têmis! Professora de Psicologia.

⁹ Adroaldo César Araújo Gaya.

¹⁰ Florianópolis, cidade Brasileira

¹¹ Centro de Excelência Esportiva.

¹² Nome sujeito à confirmação.

G.F. - Não, não!

A.A. - Aquela também fazia parte, já era cadeira da ESEF, a Têmis, que era professora de psicologia. Claro, o Moraes¹³ que está lá até hoje, o Peixinho¹⁴, que não existe esefiano que não tenha passado na mão do Peixinho, em qualquer faculdade que tenha, acho que não é só na UFRGS. O Peixinho está em tudo que é lado, todo mundo que a gente fala foi aluno do Peixinho. O Álvaro¹⁵ é uma pessoa que - na época eu não fiz, fui fazer agora o pós-graduação com o Álvaro - também é bastante assustador, mas tem o outro lado, ele às vezes até deixa a gente numa situação meio constrangedora na aula, mas ele tem um lado bacana por fora, que ele é meio debochado, depois ele acaba.... Mas tem. E, com funcionários, um funcionário que marcou muito, que é falecido, era o Paulinho¹⁶, que era do almoxarifado. Eu acredito que, daquela época, todo mundo deve falar do tal do Paulinho, que era uma pessoa que era mais presente com a gente. De funcionário, realmente, o que eu tenho mais lembrança, é ele.

G.F. - Essa época que tu esteve na ESEF, teve modificações, principalmente currículo, da regulamentação da profissão... Na tua opinião, tu vê alguma diferença dentro da Educação Física com relação a isso? Como é que tu...

A.A. - Vejo e não vejo! Porque, existe a regulamentação da profissão, que foi uma coisa conquistada depois de muito tempo. O professor de Educação Física lutou por isso. Ao mesmo tempo - aí me desculpem o linguajar - existe muito picareta, porque ainda existe muita gente que acha, assim como médico acha que ele sabe. Acha, eu acho. Pensa que ele sabe tudo das outras áreas, que ele pode ser nutricionista, que ele pode ser psicólogo, que ele pode fazer um programa de treinamento, na verdade ele é uma pessoa extremamente capacitada dentro da área dele, da mesma forma a gente. Então, a gente tem que tratar da área da Educação Física. Claro que cada um dentro da sua especialização e tudo mais, mas a gente não tem que ditar nutrição, a gente pode ter uma noção, porque realmente nós temos, mas não somos nós os profissionais capacitados para isso, a gente pode orientar junto com outro trabalho. Existe muita gente que, eu acho, não está preparada, talvez para

¹³ Luiz Fernando Ribeiro Moraes.

¹⁴ Jayme Werner dos Reis.

¹⁵ Álvaro Reischack de Oliveira.

¹⁶ Nome sujeito à confirmação.

trabalhar de *personal*, como trabalham, ou para trabalhar... Sair da ESEF... Muitas vezes, tu não consegues dar aula de Educação Física, digo, de ginástica olímpica saindo da ESEF, porque a vivência que tu tens ali dentro... Tu pode vir estagiar, tu pode acompanhar um outro professor, mas não dá para tu sair dali e montar uma escolinha de ginástica olímpica. E, isso acontece. Então, o fato de tu seres um professor de Educação Física, tu estás habilitado, tu saís da faculdade habilitado para trabalhar na área da Educação Física, mas na verdade tu não saís especialista em nenhuma área, se tu quiseres te especializar, tu vais ter que buscar isso. A gente brinca, a gente brinca não, a gente aqui conversa muito sobre isso, saí da ESEF muita gente: “Não, agora já posso trabalhar com tudo!” Aí acham que montar uma aula de *personal*, um programa de *personal* é simplesmente pegar, mandar correr, mandar isso. Não é bem assim que funciona, ainda existem muitas pessoas que teriam que se preparar melhor. Então, a nossa profissão foi regulamentada, mas a gente também tem que estar preparado, principalmente com uma base científica muito mais forte, que às vezes somente o estar na faculdade não ajuda, tem que ter a vivência prática, tem que ter o estudo, tem que ter a especialização naquela área, para que a gente não passe por essa... O cara não sabe nada! Ou, então, vou fazer um programa lá e aí chega alguém e me pergunta alguma coisa sobre força excêntrica, concêntrica: “Não sei!” É uma coisa complicada.

G.F. - E, com relação ao movimento estudantil, tu participavas, assim, como militante ou do Diretório Acadêmico?

A.A. - Não, na verdade, nunca consegui participar de nada disso, não por falta de vontade, mas por falta de tempo, porque, como eu disse, eu entrava e saía direto. Então, eu tinha contato com o pessoal dali, mas realmente eu não era nem um pouco assim militante. Eu não sou muito polêmica também, as pessoas que trabalham são um pouco mais polêmicas.

G.F. - E, como é que tu vias a ação do Diretório, na época?

A.A. - Na minha época, bem honestamente, não tive muito essa vivência. A gente acompanhou alguns trabalhos, tipo quando acontece esse curso de Capão¹⁷, a gente via o pessoal se movimentava mais. Hoje - eu estive na ESEF, não muito tempo atrás, quando eu

fiz a especialização e também porque tem um ginásio de olímpica lá - eu via alguma movimentação mais da parte do LAPEX¹⁸, que eu acho que agora trabalha nessa área de CENESP, como é que eu vou dizer? Tu pode desligar um pouquinho?

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.A. - O LAPEX é um... Na verdade, eu fugi um pouco do Diretório Acadêmico, mas eu acho que estão levando, pelo que eu senti, estão levando mais coisas para dentro da ESEF, talvez até em função do LAPEX. Tem uma placa enorme, ali entrada, de algum encontro científico, alguma coisa que teve. Eu me lembro que tem uma placa. Eu não sei se o Diretório trabalha paralelo a esse tipo de evento ou se é só realmente direcionado ao LAPEX. Como é que funciona? Eu não sei agora.

G.F. - Não, essa questão de eventos é mais do LAPEX ou da própria universidade.

A.A. - É, porque antes... Talvez eu estivesse meio fora, mas me parece que hoje é mais movimentado isso. Não sei realmente se era eu que estava fora nesse aspecto.

G.F. - Tu teve uma vivência anterior e, agora, voltou. E, da modificação da estrutura física, tu falou do bar antes, mais alguma coisa que tenha mudado?

A.A. - O ginásio, não existia aquele ginásio de olímpica e judô. O ginásio, para a universidade, eu acredito que seja um ginásio bom. Aquele outro ginásio, já existia, até eu nem entrei agora para ver se ele foi modificado realmente, mas ali na parte do judô, da olímpica, eu vi, tem circo, tem trampolim, tem uma série de coisas dentro do ginásio, ali para a universidade, eu acho que está excelente, porque tem uma bagatela, pelo menos dentro da minha área. Para que está fazendo treinamento é ruim, ficou muito misturado, eu acho, o judô, com a ginástica, com o circo, um trampolim, então na verdade em termos de treinamento eu acho que não ajuda muito. Aparelhagem, eles têm uma aparelhagem de primeira linha dentro da olímpica ali, não todo o material, mas alguns deles são materiais bons, então, isso eu achei bastante bom. O LAPEX, que na minha época também não era

¹⁷ Capão da Canoa, cidade do litoral do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Laboratório de Pesquisa do Exercício.

aquela estrutura toda que é. E ali... Agora a gente usou plataforma de força, usou Cybex, isso tudo não tinha antes, então, para quem está lá dentro hoje eu acredito que a parte científica seja muito mais forte, até porque fora o mercado também pede uma especialização, uma profissionalização muito melhor, eu acredito que tem uma vantagem grande nisso.

G.F. - Para gente terminar então, além de tudo que tu falou até agora, qual é a importância que tu dá à ESEF, de tu ter feito parte da ESEF e a ESEF ter feito parte da tua vida? Qual a importância principal que tu dá a isso, hoje em dia?

A.A. - Para mim, é a formação, não tem... Porque sem a formação... A ESEF é questionadora, é polêmica, o aluno, né? O acadêmico é questionador, ou pelo menos deve ser. É questionador, é polêmico, até porque a gente entra pensando que sabe tudo e, aos poucos, vai centrando. A gente vai amadurecendo, porque os professores também vão “sentando um pouco o cacete” até a gente baixar a bola e ver que não é aquilo ali. Mas, a formação é tudo e, eu era meio da ginástica, sei lá, duzentos mil anos de ginástica, mas sem a formação acadêmica eu também não teria chegado, provavelmente, onde eu cheguei. Utilizei a ESEF bastante com a parte da biomecânica com o Jéferson¹⁹, que, na minha época, não estava... Treinando movimentos com a Daiane²⁰, estudando técnicas mais avançadas de movimentos com a Daiane, não só com a Dai, com o Mosiah²¹ também, que foi para a Olimpíada agora, também passamos por uma análise biomecânica. Aí, saíamos, íamos para o ginásio de ginástica, saímos de lá, íamos para a sala do Jéferson, ficávamos analisando a técnica, então toda essa parte realmente científica, vem a acrescentar e, para mim, só veio a ter algum ganho realmente positivo, porque a gente aprimora, trabalha lá a parte de uma visão geral, de uma parte mais globalizada. Vem para dentro da minha área, que eu sou muito fechada em olímpica, eu realmente não trabalho com outra área e, aprimora essa parte técnica. Porque tu começa a vivenciar coisas que antes, que tu não tens a formação, tu pensas de uma determinada forma, talvez mais fútil, a partir do momento, que tu tens a formação e, lá, os professores, da época em que eu fiz - alguns ainda se mantêm, dos novos eu não posso falar - são pessoas que realmente fazem com que a gente se torne questionador, se torne polêmico e realmente pense naquilo. Como eu disse

¹⁹ Jéferson Fagundes Loss, atual professor de Biomecânica.

²⁰ Daiane dos Santos, atleta de ginástica olímpica

do Adroaldo: “Ah, eu acho...” Não, antes de falar eu acho, pensa no que tu está falando para ver se está realmente correto. Então, para mim foi muito positivo.

G.F. - A gente agradece o teu depoimento, vamos utilizar bastante na nossa pesquisa. Se tu tiveres mais uma mensagem final para nós, se não a gente agradece por isso...

A.A. - Não, mensagem? Acho que não existe muito... É aproveitar o máximo. O que eu acho que eu não aproveitei foi a parte da festa. Realmente isso eu deixei de aproveitar, eu podia ter curtido bem mais a parte dos colegas, da própria estrutura da ESEF, de estar mais tempo lá dentro. Isso eu senti falta, mas eu tinha um lado profissional, eu não podia deixar, eu tinha que trabalhar. Então, aproveitar bastante isso, porque depois que a gente sai de lá, a gente só trabalha, e trabalha, e trabalha, e trabalha e o lado mais lazer fica fora. E, aproveitar e sugar o máximo possível daqueles que a gente sabe que são realmente mestres. Ali, a gente consegue ver, aqueles que são os chatos de agora, são os que, depois, a gente vai se dar conta que são os certos.

G.F. - Obrigado, então!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²¹ Mosiah Rodrigues, atleta de ginástica olímpica